

INDIVÍDUO E SOCIEDADE NO PENSAMENTO SOCIAL DA ESCOLA DE CHICAGO

Fernando Farias Valentin¹
Ana Keila Mosca Pinezi²

Resumo

O presente artigo procura analisar a contribuição da escola sociológica de Chicago para a redefinição dos conceitos de indivíduo e sociedade, através da reelaboração das clássicas visões da sociedade proposta pelos funcionalistas e estruturalistas. Examinando a influência do pragmatismo sobre a ação dos indivíduos, e identificando a trajetória do pensamento social da escola na primeira e na segunda geração de pesquisadores, o artigo conclui que o desenvolvimento do interacionismo simbólico foi decisivo para a formulação de um pensamento social que conseguiu unir, isto é, fez interagir indivíduo e sociedade, sem sobrepujar um ou outro.

Palavras-chave: Escola de Chicago, pragmatismo, interacionismo simbólico, indivíduo e sociedade

Abstract

This paper analyzes the contribution of sociological Chicago School to redefine the concepts of individual and society, through the reworking of the classic visions of society proposed by functionalists and structuralists. Examining the influence of pragmatism on the actions of individuals, and identifying the trajectory of social thought of the school on the first and second generation of researchers, the article concludes that development of symbolic interactionism was decisive for formulation of a social thinking that managed to unite individual and society with equal importance.

Keywords: Chicago School, pragmatism, symbolic interactionism, individual and society

¹ Sociólogo. Mestrando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC).

² Profa. Dra. Coordenadora do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC).

Introdução

Na história da teoria social contemporânea, a Escola de Chicago pode ser considerada um marco, pois conseguiu ultrapassar amplamente os clássicos paradigmas funcionalista e estruturalista concebidos pelos pensadores europeus, e, em boa medida, até mesmo, o culturalismo³ norte-americano.

Nascida sob a égide do pragmatismo, ela inaugurou um novo campo na pesquisa sociológica focado nos estudos dos fenômenos urbanos e nas noções de cultura urbana e ecologia humana. Porém, não se limitou a ser exclusivamente um novo modo de fazer pesquisa, apesar de sua grande contribuição em termos de métodos e abordagens sobre os objetos de análise. Foi muito mais além, dedicando um lugar significativo ao estudo das formas como os indivíduos elaboram e interagem com os grupos sociais aos quais pertencem, e como criam sua identidade social.

Em termos metodológicos, a Escola de Chicago deixou um importante legado ao realizar a crítica radical da fenomenologia sociológica, isto é, do objetivismo da ciência racional-funcionalista, e pela seminal contribuição na formulação do interacionismo simbólico e da etnometodologia que viriam a se tornar duas importantes correntes sociológicas de caráter compreensivo após os anos 1960.

Este artigo tem como eixo central apresentar as principais contribuições da Escola de Chicago para o entendimento da clássica dicotomia sociológica: indivíduo e sociedade. Para tanto, o texto a seguir está dividido quatro partes. Na primeira seção, será discutido o papel central que a filosofia pragmática possui no pensamento social norte-americano e na formação da escola de Chicago. Na segunda seção, discutiremos a *práxis* da escola em termos do olhar, dos métodos e da escolha dos objetos de pesquisa. A terceira seção é dedicada a apresentar um dos principais frutos teóricos da segunda geração da escola: o interacionismo simbólico e a mudança na concepção de ação. Na parte final do trabalho são apresentadas as conclusões que procuram demonstrar a relevância da construção teórico-metodológica empreendida pela escola para uma melhor compreensão da dicotomia entre indivíduo e sociedade, bem como apontar o legado e as contribuições desse pensamento para a teoria social.

³ A universidade de Columbia é muitas vezes designada como o lar intelectual do culturalismo que se desenvolveu nos Estados Unidos a partir dos anos 1930. Essa abordagem sociológica recebeu influências da antropologia cultural anglo-saxã e da psicanálise freudiana. (LALLEMENT, M. História das idéias sociológicas: de Parsons aos contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2008, p.75-78.

Pragmatismo e teoria social

O pragmatismo cumpre duas funções(...). Em primeiro lugar, desembaraçar-nos ativamente de todas as idéias pouco claras. Em segundo lugar, deve apoiar, e tornar distintas, idéias em si, claras, mas de apreensão mais ou menos difícil; e, em particular, assumir sua atitude satisfatória em relação ao elemento da terceiridade. (PEIRCE, C. Escritos coligidos. In: Os pensadores, vol. XXXVI. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.64).

O pragmatismo não foi a primeira corrente filosófica a se implantar nos Estados Unidos da América. No entanto, segundo Wall (2007), foi verdadeiramente uma escola americana de pensamento. Surgido nos primeiros anos de 1870 e formado por um grupo de rapazes de Cambridge, Massachussets, interessados em discutir filosofia que se auto-intitulavam como pertencentes ao “Clube Metafísico”, o pensamento pragmático teve como principais expoentes os pensadores Willian James e Charles Sanders Peirce.

O primeiro texto que expõe claramente as idéias do pragmatismo é de 1878, de autoria de Charles Peirce, intitulado “How to make our ideas clear”. Nele o autor apresenta a definição do que seria uma idéia clara:

A clear idea is defined as one which is so apprehended that it will be recognized wherever it is met with, and so that no other will be mistaken for it. If it fails of this clearness, it is said to be obscure. This is rather a neat bit of philosophical terminology; yet, since it is clearness that they were defining, I wish the logicians had made their definition a little more plain. Never to fail to recognize an idea, and under no circumstances to mistake another for it, let it come in how recondite a form it may, would indeed imply such prodigious force and clearness of intellect as is seldom met with in this world. On the other hand, merely to have such an acquaintance with the idea as to have become familiar with it, and to have lost all hesitancy in recognizing it in ordinary cases, hardly seems to deserve the name of clearness of apprehension, since after all it only amounts to a subjective feeling of mastery which may be entirely mistaken. I take it, however, that when the logicians speak of "clearness," they mean nothing more than such a familiarity with an idea, since they regard the quality as but a small merit, which needs to be supplemented by another, which they call *distinctness*. (PEIRCE, C. 1878, p. 286-302)

Para Peirce (1878), o fundamental da doutrina pragmatista é a relação que ela desenha entre a teoria e a prática. Isto é, ela se constitui somente em um critério de significação que afirma ser o significado de algo, ou de um conceito, nada mais, do que a soma total das conseqüências práticas concebíveis. Por esse raciocínio, conceitos que não tenham conseqüências práticas concebíveis não têm significado. O ponto central da reflexão de Peirce sobre o significado dos conceitos foi fortemente influenciado pela definição de crença de Alexander Bain, que afirmava ser esta hábito de ação. Bain propunha que nos afastássemos da concepção de que as crenças são puramente

intelectuais e passássemos a tomá-las como sendo oriundas de nossas vontades e tendências para agir (NASCIMENTO, 2011).

Peirce concebia a filosofia mais como um método auxiliar na compreensão dos problemas científicos e filosóficos, do que como uma teoria da verdade. Sua teorização sobre o pragmatismo surge como um esforço para vencer as contendas metafísicas, e tentar adotar medidas práticas que consigam efetivamente captar a concepção total de um objeto.

Outro nome de destaque no pragmatismo foi o de Willian James. Em 26 de agosto de 1898, James proferiu uma conferência na União Filosófica da Universidade de Berkeley e utilizou a palavra pragmatismo pela primeira vez de modo impresso. Nessa ocasião, James apresentou uma interpretação das idéias de Peirce dizendo:

Para atingir a clareza perfeita em nossos pensamentos de um objeto [...] precisamos somente considerar quais efeitos de uma espécie concebivelmente prática o objeto pode envolver - quais sensações devemos esperar dele, e quais reações devemos preparar. Nessa concepção desses efeitos, então, é para nós o todo de nossa concepção do objeto, na medida em que essa concepção tem alguma significância positiva. (JAMES, 1898 *apud* Wall, 2007, p. 52)

A concepção de Peirce sobre o pragmatismo foi expandida por James com a introdução da noção dos efeitos que um objeto pode envolver. Isto é, na idéia original de Peirce o significado ou a idéia que temos de um objeto é produto dos efeitos que julgamos ter esse objeto. Willian James adicionou nesses efeitos as sensações que devemos esperar e as reações que devemos preparar a partir do objeto. Em outras palavras, o pragmatismo para James está interessado nos efeitos diretos, práticos e particulares de um objeto ou idéia. Ele reivindica uma filosofia que não somente exercite os poderes da abstração intelectual, mas que faça conexões com o mundo real. O método pragmático seria, então, uma atitude, uma orientação. A atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das “categorias”, da supostas necessidades e de procurar pelas últimas coisas, ou seja, seus frutos, as suas conseqüências, os fatos (JAMES, 1985).

Na opinião de Hans Boas (1999), o pragmatismo é uma filosofia da ação, mas que não chegou a desenvolver um modelo da ação como fez Talcott Parsons⁴. Boas procurou desenvolver o conceito de ação com vistas a superar a dualidade cartesiana. Isso levou a uma compreensão da intencionalidade e da sociabilidade de modo diferente

⁴ Para maiores detalhes vide PARSONS, T. A estrutura da ação social. Petrópolis: Vozes, 2010.

do proposto pelos utilitaristas⁵, em que a ordem social é orientada pela concepção do controle social em termos de auto-regulação e solução de problemas.

A relação e a influência entre o pragmatismo e a teoria social, especificamente no caso da Sociologia, segundo Boas, se deu com John Dewey e George Herbert Mead. Num primeiro estágio, o pragmatismo assumiu contornos de uma psicologia funcionalista. Buscava-se interpretar os processos e operações psíquicas em termos de sua eficácia para a solução dos problemas encontrados pelas pessoas no dia-a-dia, isto é, em sua conduta. Um documento típico dessa visão foi produzido por John Dewey e intitulado de “The Reflex Arc Concept in Psychology”, de 1896, no qual o autor criticava a concepção de uma psicologia causal que buscava estabelecer vínculos determinísticos entre estímulos ambientais e relações orgânicas. Esse modelo para Dewey opunha a totalidade da ação e as doutrinas que reduziam a ação a uma conduta determinada pelo meio. Ele acreditava que qualquer ideia, valor e instituição social tinham origem nas circunstâncias práticas da vida humana. As crenças, vistas em seus respectivos contextos, deveriam ser testadas quanto à contribuição que poderiam dar para o bem comum e pessoal (PALMER, 2005).

Esse mesmo entendimento foi gradativamente compartilhado por Herbert Mead. Em meados de 1910, Mead havia escrito um livro de ensaios que mostrava a evolução de seu pensamento de um modelo biológico, individual e funcionalista, para uma concepção mais social e racional, de ligação entre os indivíduos e os grupos. Por razões desconhecidas, essa obra nunca chegou a ser completada. No entanto, juntamente com os trabalhos “Play, School, and Society” e “The individual and the Social Self” elas marcaram a passagem de uma concepção psicológica, individual e emocional da pessoa em sociedade, com ênfase na infância, para outra, em que o sujeito é explicado como produto das interações sociais e de significados humanamente gerados (SCOTT, 2008). Em “Mind, Self and Society”, Mead apresenta um modelo de origem do eu e do outro, no qual a sociedade e o “eu” seriam mutuamente dependentes e dinâmicos. A mente, a consciência, a inteligência e a capacidade de assumir o papel do outro também surgiram desse processo.

É importante frisar que o pragmatismo é um método de se fazer filosofia e não uma teoria filosófica. Nasce com o objetivo de mostrar que muitos termos filosóficos

⁵ O princípio da utilidade foi sistematizado por Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Uma das principais exposições sobre a filosofia utilitarista pode ser encontrada em BENTHAM, J. “Uma introdução aos princípios da moral e da legislação”. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

não tinham significado e que muitos problemas filosóficos eram gerados por falta de clareza terminológica. Como críticas imputam a ele certa redução do conceito de ação a um modo muito instrumentalista, a ideia de que a consciência se encontra orientada para o momento presente e a um alto grau de generalidade do modelo não permitindo a distinção entre agente e objeto.

Vejamos na próxima seção como a Escola de Chicago trabalha com as influências do pensamento pragmático, e qual a repercussão, a importância e o papel dele nos métodos, estudos e nas teorias sociais desenvolvidas.

A práxis da Escola de Chicago

No período compreendido entre os anos de 1912 e 1922, o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago foi caracterizado, segundo Mário Eufrásio (2008), por uma série de propostas de pesquisas, por um conjunto de linhas de interesse, de orientações teóricas e linhas de investigação que se concentraram nos estudos da sociologia urbana e do imigrante, nas relações raciais e no problema das populações negras nos Estados Unidos. Os pesquisadores desse departamento e suas produções entraram posteriormente para o rol das tradições sociológicas, como os criadores da “Escola de Chicago”, termo cunhado por Luther Bernard somente nos 1930 (COULON, 1995).

Em termos práticos, a preocupação dos pais fundadores da escola sociológica de Chicago estava em “emphasized science and the importance of understanding social problems in terms of the process and forces that produce them” (BULMER, 1984, p.89).

Durante 37 anos, trabalharam juntos profissionais que estavam interessados pelos temas e assuntos da sociedade moderna e contemporânea, além das sociedades tribais e tradicionais. Grande parte dessa preocupação adveio da influência do pensamento social alemão de Georg Simmel que destacou que os conteúdos da vida humana guardam estreita relação com a vida social, e que a realidade não pode ser apreendida em sua imediatividade (FRANÇA, 2006). No fundo, Simmel buscava um conceito de sociedade que não a reduzisse a um mero agregado de indivíduos, mas que também não a tornasse uma entidade transcendente em relação aos sujeitos. A identificação da sociedade e das relações recíprocas conduz ao estudo das relações sociais pelas quais os indivíduos e os grupos sociais de um determinado território se

comprometem entre si (RIUTORT, 2008). Essa noção será exaustivamente explorada pelos pesquisadores da Escola de Chicago.

Ao se realizar-se progressivamente, a sociedade indica sempre que os indivíduos estão ligados por influências e determinações recíprocas. E conseqüentemente, ela é alguma coisa de funcional, algo que os indivíduos ao mesmo tempo fazem e sofrem. Contudo, devido a sua característica fundamental, não se deveria falar em sociedade, mas sim de socialização. A “sociedade”, neste caso, seria apenas o nome dado a um conjunto de indivíduos, ligados entre si por ações recíprocas [...] (SIMMEL, 1918 *apud* RIUTORT, 2008, p. 353).

As condições da sociedade americana do início da década de 1890, na opinião de Hans Boas, fizeram com que o pragmatismo fosse transformado em sociologia. A rápida industrialização da nação, os elevados contingentes de imigrantes que lá chegavam mudaram a estrutura de classe da sociedade americana. Até a Primeira Guerra Mundial, o pensamento social nos Estados Unidos esteve voltado para o estudo dos “problemas sociais”, estes entendidos como: caridade pública, recuperação de pessoas “desencaminhadas”, questões ligadas à economia doméstica, delinquência, falta de moradias. Posteriormente, os pesquisadores norte-americanos focaram-se nas investigações sobre o crescimento das camadas populares marginalizadas e nos aspectos patológicos da sociedade, que o ideário religioso protestante via apenas sob o prisma das condições de saúde físicas e mentais e de probidade moral. Essa trajetória levou a introduzir, nos estudos sociológicos nos Estados Unidos, uma disciplina voltada para a ação e a reforma social, e a consolidar os múltiplos ferramentais utilizados pela Escola de Chicago para realizar seus trabalhos de campo.

O departamento de Sociologia criado por Albion Small, em 1892, em Chicago, permaneceu na atmosfera intelectual do século XIX por quase duas décadas. Apesar do departamento também congregar antropólogos, por lá passaram poucos deles. Os mais conhecidos foram Ralph Linton, Fay Cooper-Cole, Edward Sapir e Robert Redfield (EUFRÁSIO, 1995). No entanto, o modo antropológico de fazer pesquisa parece ter deixado importantes marcas nas gerações iniciais de Chicago. Em 1929, com a criação do novo prédio que reunia os departamentos de ciências sociais foi criado um departamento de antropologia autônomo. O desejo fundamental de Small era criar uma sociologia acadêmica mais sensível às questões de natureza social e moral, e de fazer de Chicago o primeiro departamento de Sociologia do mundo de alto padrão em graduação e pós-graduação.

A vontade de construir uma Sociologia própria nos Estados Unidos, diferentemente das teorizações européias, muito mais focada nos trabalhos empíricos do que na construção de grandes teorias é, na opinião de Howard Becker, um dos grandes méritos da escola de Chicago. Isso fez de Chicago uma escola de atividade, um local onde, independentemente de todos compartilharem as mesmas ideias, o que de fato importava era que todos trabalhassem juntos (BECKER, 1996).

Os trabalhos de pesquisa encontraram em Robert Erza Park o estímulo inicial⁶. Assim que chegou a Chicago, Park escreveu um texto apontando que a cidade poderia ser um grande laboratório de pesquisa social. Logo em seguida, passou a buscar estudantes interessados em sair a campo. Park influenciou pelo menos duas gerações de estudantes de Chicago. Seu método de pesquisa não era predominantemente qualitativo ou quantitativo. Seu ecletismo no modo de fazer pesquisa se materializou na concepção de que o espaço físico, material, refletia o espaço social. Esse pensamento, essa metáfora, levou ao desenvolvimento da noção de ecologia humana⁷. Valendo-se do modelo de Charles Darwin de seleção natural, ele resolve elaborar a hipótese segundo a qual o meio no qual os indivíduos e grupos evoluem exerce influência sobre seu comportamento.

Em campo, Park e seus alunos procuravam entender como os diferentes grupos sociais se espalhavam pela cidade, como se adaptavam as condições sociais existentes e como coexistiam uns com os outros em mesmos espaços. Em última instância, Park e seus alunos nos trabalhos de campo procuraram descrever a posição particular dos indivíduos e dos grupos na sociedade. Os resultados dos levantamentos eram sumarizados em mapas que mostravam as áreas e regiões da cidade de Chicago habitadas pelas diferentes populações de imigrantes, suas atividades econômicas, e áreas de conflito. Porções do território onde determinadas populações se separavam das outras foram caracterizadas por Park como regiões morais.

Em paralelo aos estudos empíricos de Park, Willian Isaac Thomas foi outro importante expoente que se dedicou mais aos trabalhos teóricos. Seu pensamento foi influenciado pelas idéias de John Dewey, de George Herbert Mead e por Charles Horton Cooley, que notadamente assinalaram o papel exercido pelos grupos primários na formação da identidade social. Thomas desenvolve a noção de desorganização social

⁶ Em 1925 Park inaugura o campo da sociologia urbana com a publicação da obra “The city: suggestions for the study of human nature in urban environment”

⁷ Vide PIERSON, Donald. Teoria e pesquisa em sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

para se referir à ruptura da influência das regras de comportamento entre os membros de um grupo. A desorganização social marca um período de desligamento progressivo do grupo primário, sem que ainda se possa falar em transição para outro grupo.

A definição de situação talvez seja o mais importante conceito formulado por William Thomas. O chamado “teorema de Thomas”⁸ diz respeito à definição da situação e é definido por ele como a fase de exame e de deliberação que precede uma conduta autodeterminada. Thomas está preocupado com a maneira pela qual o indivíduo, a partir de uma visão da realidade, é levado a mudar seu comportamento, e quais as conseqüências disso. Essa interrogação de natureza teórica levantada por Thomas diz respeito às crenças individuais e coletivas no âmbito das quais os indivíduos estão inseridos e sobre o papel que estas podem produzir sobre a própria realidade. Essa noção acaba ensejando uma etapa vital da vida em sociedade uma vez que coloca nas mãos do indivíduo a escolha por linhas de ações a serem seguidas. Esse “cálculo” é feito com base nas múltiplas possibilidades existentes.

Dentre os inúmeros expoentes da Escola de Chicago, Park e Thomas foram os representantes da primeira geração que definiram e moldaram os contornos, o *modus operandis* de investigação social, e grande parte do pensamento social da escola. Com William Thomas, o pensamento social de Chicago ficou marcado por um caráter cultural manifestado nos hábitos e nos comportamento dos indivíduos. Metodologicamente a contribuição desse raciocínio foi reconstruir a dinâmica da resposta subjetiva ligada aos problemas da ação. Com Robert Park, o comportamento coletivo passou a ser o objeto da sociologia e não mais o fato social como definido por Durkheim. No entanto, a ação individual não foi excluída dos domínios da sociologia. Conforme a concepção de Park, ela tem de ser vista como algo coletivamente construído em sua orientação. Nessa visão, fica bastante evidente que a sociedade não se apresenta ao homem como um meio de repressão e de coerção, ela também possui uma dimensão de libertação do eu de cada um de nós. Isso será mais facilmente compreendido como a formulação do interacionismo simbólico que veremos a seguir.

⁸ Assim designado e popularizado pelo sociólogo americano Robert Merton.

Interacionismo simbólico: o fruto da segunda geração de Chicago

O interacionismo simbólico foi teorizado fundamentalmente por Herbert George Blumer e se inscreveu no ambiente da sociologia norte-americana como uma doutrina oposta a outros paradigmas em vigor após 1945. Até meados dos anos 1960, os promotores dessa corrente de pensamento foram duramente criticados por transmitir uma imagem particularmente passiva ou hiperssocializada da ação social (WRONG, 1961).

A relação entre teoria e pesquisa empírica nas ciências sociais tornou-se objeto de grande interesse para Blumer, indo fortemente de encontro à tradição em voga à época da pesquisa descritiva. Diferentemente de Park, os estudos de Blumer não tinham uma orientação evolucionista. Ao contrário, ele privilegiava a inclusão de questões subjetivas nas pesquisas sociológicas. Segundo Blumer (1975), a interpretação que os indivíduos dão às suas ações está fortemente carregada pelos conteúdos simbólicos da realidade. Qualquer que seja o ator, um indivíduo, uma família, uma escola, uma igreja, uma empresa, toda ação particular é formada em função da situação na qual ela se situa. Isto é, a ação é concebida ou construída interpretando a situação. O ator social deve necessariamente identificar os elementos que deve levar em consideração nesse processo.

A análise da sociedade nessa perspectiva parte do estudo do comportamento do indivíduo, mas se distingue do individualismo metodológico⁹ na medida em que destaca não a busca do interesse, mas a dimensão cognitiva da ação e os significados que os indivíduos conferem a essa ação. Nesse sentido, as interpretações da realidade são estreitamente dependentes das situações nas quais os indivíduos estão imersos, e no modo como interagem uns com os outros. Para Blumer, diferentemente de Parsons, não existiria eficácia na aplicação das normas sociais fora de determinados contextos concretos, pois sendo assim, elas não seriam objeto de interpretações por parte dos atores em situação. O ponto central para os interacionistas simbólicos está na margem de manobra que os indivíduos dispõem (*agency*) no exato momento em que estão vivenciando determinada situação.

Surge com o interacionismo simbólico uma nova concepção teórica em sociologia que se afasta diametralmente do funcionalismo, pois coloca a ação social

⁹ Vide uma discussão mais elaborada sobre o conceito consulte BOTTOMORE, T. & OUTHWAITE, W. Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

como algo intrínseco ao indivíduo, e transforma a interação em objeto da sociologia. A partir de então, o conceito de interação pode dar lugar a análises de grandeza micro ou macrossociológicas, ainda que, frequentemente, os autores dessa corrente tenham preferido observar pequenos grupos de indivíduos nessas situações.

Diferentemente dos funcionalistas e estruturalistas que reservavam lugar de destaque ao conceito de ordem social no estudo da vida em sociedade, para os interacionistas ela é vista como frágil e, em certos casos, até como precária. A ordem social está assentada agora nas interações entre os indivíduos e no modo como cada um desempenha seu papel social. Ela é uma espécie de ordem negociada, fruto não da imposição ou da coerção de fatores externos, mas produto de uma mediação entre sujeitos.

Nos processos de interação entre indivíduos do tipo frente a frente é que a ordem social manifesta suas implicações por meio dos gestos e contatos costumeiros que realizamos. Na obra “A representação do eu na vida cotidiana”, Erving Goffman (1985, p.11-12) irá destacar:

[...] Durante o período em que o indivíduo está na presença imediata dos outros, podem ocorrer poucas coisas que dêem diretamente a estes a informação conclusiva de que precisarão para dirigir inteligentemente sua própria atividade. Muitos fatos decisivos estão além do tempo e do lugar de interação, ou dissimulados nela. Por exemplo, as atividades “verdadeiras” ou “reais”, as crenças, as emoções do indivíduo só podem ser verificadas indiretamente, através de confissões ou do que parece ser um comportamento expressivo involuntário. Igualmente, se o indivíduo oferece a outros um produto ou presta um serviço, eles freqüentemente acharão que durante a interação não haverá tempo nem lugar imediatamente disponível para apreciar o prato no qual a prova pode ser encontrada. Serão forçados a aceitar alguns conhecimentos como sinais convencionais ou naturais de algo não diretamente acessível aos sentidos. Usando palavras de Ichheiser¹⁰, o indivíduo terá de agir de tal modo que, com ou sem intenção, *expresse* a si mesmo, e os outros por sua vez terão de ser de algum modo *impressionados* por ele.

É preciso, então, presumir, que nas interações cotidianas existam formas de se evitar os erros de interpretação e os defeitos nos papéis. Para isso, é necessário estabelecer regras ou rituais que “enquadrem” a ação. Estes, por sua vez, se configuram nos ritos de apresentação (saudações, cumprimentos, convites, etc) que tem por objetivo informar ao outro sobre a intencionalidade de nossa ação. Quando um sujeito interpreta um papel ele almeja que seus parceiros o levem a sério. Goffman vai mais a fundo dizendo ser necessário muitas vezes examinar em que medida o próprio ator crê naquele papel que ele está desempenhando. Em outras palavras, ele está tentando sublinhar que

¹⁰ Nota conforme o original. Gustav Ichheiser, “Misunderstanding in Human Relations”, suplemento do The American Journal of Sociology, LV (setembro de 1949), p.6-7.

um ator jamais se confunde totalmente com o papel que desempenha porque ele possui capacidade de reflexão sobre suas ações. Na vida social, em sociedade, o sujeito está quase que permanentemente em representação. Aqueles que experimentam dificuldades para desempenhar seu papel correm o risco de ser considerados desviantes da norma e acabarem como estigmatizados. Esse indivíduo aprende desde cedo a controlar parte significativa da informação sobre sua própria identidade.

Para Michel Lallement (2008), Goffman pensa as relações entre os indivíduos conforme a pauta do sagrado e do ritual. O conjunto das relações entre os atores sociais é regulado por ritos e estes organizam a coerência da ação. A relação social de base, que nada mais é do que a interação, no mundo social, é bastante vulnerável. No final das contas, a interação é sempre uma aposta de risco, em função do indivíduo nunca ter realmente certeza de como será interpretado e recepcionado pelo outro. Em termos concretos, os homens vivem com base em hipóteses.

A ligação entre um evento, uma interação e seu pano de fundo físico e social faz com que o sentido dos objetos seja elaborado e particularizado pelos contextos em que eles aparecem. Essa idéia se tornou pelas mãos de Harold Garfinkel um dos preceitos fundamentais da etnometodologia, que busca enfatizar o caráter ativo racional e cognitivo da conduta humana, e também entender como os agentes sociais compartilham o conhecimento. Nessa concepção, os etnometodólogos se interessam pelas ações mais corriqueiras da vida cotidiana, pois elas contêm as propriedades de indexicalidade, de reflexividade e *accountability* (GARFINKEL, 1967) que conferem o grande dinamismo da vida em sociedade.

Com o interacionismo simbólico, o caráter determinista do sistema social foi superado e foi reservado um lugar especial para a interação dos membros em sociedade. O indivíduo, antes isolado, passível de influência por parte das inúmeras instituições sociais, agora, juntamente com outros, interage e elabora suas ações segundo suas motivações e interesses, e interpreta a realidade ao seu redor.

Considerações finais

Por cerca de 40 anos, até meados de 1930, a escola sociológica de Chicago deteve, em termos teóricos, a hegemonia absoluta na sociologia americana. Herdeira da história recente da disciplina em terras norte-americanas, essa escola preconizou por

todo esse período um engajamento moral de seus pesquisadores e de seus estudos, com vistas a ajudar a sociedade a trilhar rumos mais promissores. Indiscutivelmente, essa é uma característica oriunda da forte influência da doutrina pragmática sobre a forma de se fazer ciência nos Estados Unidos, que se manifestou claramente nas pesquisas da primeira geração de Chicago na busca por práticas (métodos, técnicas, recortes metodológicos) que permitissem efetivamente captar a concepção de um objeto (problema social).

Assumindo muitas vezes contornos funcionalistas, tendo como o centro de suas preocupações as conseqüências de um dado conjunto de fenômenos empíricos, e não suas causas, o pragmatismo da primeira geração, que segundo alguns teóricos restringia a totalidade da ação e as condicionava ao meio social, foi gradativamente reformulado por uma concepção que dava maior ênfase à ligação entre os indivíduos e os grupos e os modos de interação entre eles. Para esse ramo da sociologia norte-americana, o interacionismo simbólico, as relações sociais não surgem como determinadas, ao contrário, são abertas e dependentes das relações entre indivíduo e indivíduo, e entre indivíduo e grupos.

A preocupação pela qual um sujeito a partir de uma determinada visão da realidade, ou de um modo de interação com esta, muda seu comportamento, passa a ser o cerne da teorização social da segunda geração da escola. A partir de então, o pensamento sociológico passa a pensar as escolhas individuais pelas ações a serem empreendidas, e não mais como determinadas ou condicionadas pelo meio social ou pelas estruturas sociais. O elemento subjetivo é, então, considerado um elemento constitutivo da ação, e a interpretação das ações é sempre eivada dos conteúdos simbólicos da realidade e subjacentes a ela.

Em termos comparativos, no estruturalismo, as ações conscientes dos indivíduos e grupos sociais são excluídas da análise e suas próprias proposições explanatórias são concebidas em termos de causalidades estruturais. O indivíduo desaparece na análise estrutural, embora de forma diferente que na teoria durkheimiana. O nexos nessa corrente de pensamento está entre a noção de estrutura e a de coerência social. Não existe uma preocupação com a apreensão imediata do mundo e nem com o processo histórico. As bases do estruturalismo evidenciam uma espécie de ordem oculta que estrutura nosso inconsciente e que procura explicar as inter-relações através das quais o significado é produzido dentro de um ambiente cultural.

No funcionalismo ou na “teoria do consenso”, como alguns o designaram, a sociedade forma um todo cujas partes desempenham uma função necessária ao equilíbrio de todo o conjunto. Os indivíduos são uma espécie de produto da estrutura social, estando plenamente inseridos nela e garantindo a ela solidariedade e estabilidade. Essas duas correntes de pensamento, são, pela Escola de Chicago, criticadas e uma nova forma de pensar o indivíduo e a sociedade é formulada por seus expoentes.

Em síntese, é possível dizer que a Escola de Chicago foi capaz de dotar a ação humana de significado ou de dar espaço para análise do sentido da ação humana num contexto social específico. Mesmo num primeiro momento, em que as pesquisas e estudos continham muitos elementos do pensamento evolucionista, positivista e determinista dos teóricos europeus, ao escolher a cidade como um de seus laboratórios privilegiados de estudo, já ficava evidente a intencionalidade dos estudiosos de Chicago em “significar” ou “pragmatizar” suas ações e pensamentos objetivando promover benefícios à sociedade. Nesse sentido, a compreensão do sentido da ação na Escola de Chicago e do Interacionismo simbólico distancia-se da sociologia compreensiva de Weber, que pretende compreender esse sentido como um dos fundamentos de uma ação tipificada.

Com o acúmulo gerado por inúmeras pesquisas sobre “patologias sociais” e percebendo que explicar os fenômenos sociais de fora para dentro já não mais fazia sentido, Chicago, por meio do interacionismo simbólico, deu talvez sua maior contribuição à teoria social. A clássica dicotomia indivíduo e sociedade, inaugurada pelo pensamento de Durkheim e reforçada pelos funcionalistas das gerações subsequentes da sociologia e da antropologia, dava lugar agora à construção de uma microsociologia na qual o papel do atores sociais e suas relações são os elementos constituintes da sociedade. Em suma, os indivíduos não sofrem os fatos sociais, ao contrário, não param de produzi-los.

Referências Bibliográficas

BECKER, Haword. Conferência a escola de Chicago. In: *Mana* 2(2), 1996, pp. 177-188.

BLUMER, Herbert. *Symbolic interacionismo: perspective and method*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

BOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A. Teoria social hoje. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

BULMER, Martin. The Chicago school of sociology. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

COULON, Alain. A escola de Chicago. Campinas: Papyrus, 1995.

EUFRÁSIO, Mário. A escola de Chicago de Sociologia: perfil e atualidade. In: LUCENA, C.T; CAMPOS, M. C. S. (Orgs.) Práticas e representações . São Paulo: Humanitas / CERU, 2008.

EUFRÁSIO, Mário. A. A formação da escola sociológica de Chicago. Plural, São Paulo, n.2, p.37-60, 1995.

GARFINKEL, Harold. Studies in Ethnomethodology. New Jersey: Prentice-Hall, 1967.
GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

JAMES, William. Pragmatismo e outros textos. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

LALLEMENT, Michael. História das idéias sociológicas: de Parsons aos contemporâneos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

NASCIMENTO, Edna. M. M. do. Pragmatismo: uma filosofia da ação. In: Revista Redescrições, n.1, ano 3, 2011, pp. 42-57.

OUTHWAITE, William. BOTTOMORE, Tom. & Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

PALMER, Joy. A. 50 grandes educadores. São Paulo: Contexto, 2005.

PEIRCE, Charles S. How to make our ideas clear. Popular Science Monthly 12, January 1878, p. 286-302. Disponível em: < <http://www.peirce.org/writings/p119.html>>. Acesso em: 20 abril 2012.

PEIRCE, C. How to make our ideas clear. Popular Science Monthly 12, janeiro, 1878, p. 286-302.

PEIRCE, C. Escritos coligidos. In: Os pensadores, vol. XXXVI. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.64

PIERSON, Donald. Teoria e pesquisa em sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

RIUTORT, Philippe. Compêndio de sociologia. São Paulo: Paulus, 2008.

SCOTT, John. 50 grandes sociólogos fundamentais. São Paulo: Contexto, 2008

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Resenha de: FRANÇA, J. Estudos de Sociologia, v.13, n.2, pp.207-211

WALL, Cornelis de. Sobre o pragmatismo. São Paulo: Edições Loyola, 2007

WRONG, Denis. The oversocialized conception of man in modern sociology. American Sociological Review, 1961.